

**ZARA PINTO-COELHO; TERESA RUÃO & SANDRA MARINHO**

zara@ics.uminho.pt, trua@ics.uminho.pt; marinho@ics.uminho.pt

**Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade  
(CECS), Universidade do Minho, Portugal**

## **DINÂMICAS COMUNICATIVAS E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS: INTRODUÇÃO**

Esta obra oferece um conjunto de propostas de investigação, reflexões e estudos debatidos nas “VII Jornadas Doutorais em Ciências da Comunicação e Estudos Culturais”, que ocorreram entre os dias 15 e 16 de outubro de 2019, em Braga, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

As “Jornadas Doutorais” são uma iniciativa anual do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), em articulação com as direções dos cursos de doutoramento do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, que está aberta à participação de estudantes de doutoramento e pós-doutoramento.

Com esta iniciativa, queremos dar visibilidade e fortalecer o trabalho de investigação desenvolvido nos campos das Ciências da Comunicação e dos Estudos Culturais, propiciar espaços de diálogo e de debate, fomentar a troca de experiências e a avaliação crítica construtiva.

À semelhança das seis edições anteriores, este livro integra contributos de estudantes oriundos de diversas universidades e países que poderão ser particularmente úteis para os estudantes destas áreas de conhecimento, mas também para estudantes de outras áreas que querem saber o que estudam as Ciências da Comunicação e os Estudos Culturais.

Organizado sob a temática “dinâmicas comunicativas e transformações sociais”, a edição integra 17 contributos, assinados por estudantes e respetivos orientadores.

No primeiro capítulo, intitulado “O debate da identidade nacional desde a Revolução de Abril até ao presente, através do cinema português”, Tiago Vieira da Silva, orientado por Moisés de Lemos Martins e Nelson Araújo, propõe-se estudar o discurso da identidade nacional no pós-Revolução de Abril através do imaginário projetado pelo cinema português, desde então até ao presente.

Defendendo que o traço principal da identidade nacional está precisamente na sua natureza mutável, em constante transformação, quer visitar as representações cinematográficas para traçar um percurso das tendências estéticas e temáticas que evidenciam precisamente a natureza fluída da identidade nacional. O estudante, alicerçado num olhar multidisciplinar, destaca a complexidade da rede que sustenta a ideia de identidade nacional, à luz da contemporaneidade, e sublinha que o seu interesse pelo cinema não se reduz a vê-lo como um meio de ligação com o imaginário, reconhecendo também a sua importância como forma de expressão artística, com uma linguagem própria.

Sobre os processos de construção da identidade, discorre igualmente Marcos Cajaíba Mendonça, a propósito de identidades culturais de comunidades do interior do Brasil, a saber, da caatinga brasileira. Orientado por Moisés de Lemos Martins, o estudante, no capítulo “Uma reflexão fotográfica sobre as identidades culturais da caatinga brasileira”, dá a conhecer as opções metodológicas que estruturam o seu projeto de doutoramento.

No projeto pretende saber como é que a fotografia, enquanto narrativa fotográfica, contribui para a construção de um discurso sobre as identidades culturais da caatinga brasileira nos dias de hoje. A pesquisa será feita no estado da Bahia (onde está a maior percentagem do bioma brasileiro), tendo sido escolhidas três comunidades para o trabalho. Outra escolha relevante do projeto é o desejo de investigar as identidades culturais a partir das dimensões dos pequenos relatos da/na caatinga, num contexto pós-moderno de transformações e num momento em que o Brasil atravessa um momento ímpar de questionamento das bases constitutivas das suas identidades nacionais e culturais.

Da discussão em torno das identidades, passamos para outro tema igualmente relevante e atual que é o das migrações, crises migratórias e integração de sujeitos migrantes e refugiados (Martins, 2019). Com um interesse particular na atual emigração brasileira em Portugal, Dalvacir Andrade, orientado por Helena Sousa, dá conta no capítulo “Redes digitais e a integração brasileira em Portugal: reflexões teórico-metodológicas” dos

pressupostos da teoria do ator-rede que elegeu como fundamental para a construção do seu objeto de estudo. Alega Dalvacir Andrade que essa teoria possibilita evitar o funcionalismo presente em muitos estudos de comunicação e *media* e integrar a análise das variadas associações que compõem as redes digitais, revelando-se, desse modo, como uma abordagem pertinente ao desenvolvimento da investigação proposta. Direcionando o seu olhar para as ações realizadas por atores não institucionais no novo ecossistema, o estudante elege para universo empírico as produções audiovisuais de imigrantes brasileiros sobre temas referentes a Portugal e difundidas na plataforma de vídeos YouTube.

Segundo o autor, paralelamente ao crescimento da imigração brasileira em Portugal, ocorre a multiplicação de canais de vídeos, comunidades e perfis nas redes sociais digitais, bem como blogues e sites com foco em informações sobre as mais diversas questões relevantes para quem pretende deixar o Brasil e iniciar uma nova vida em terras portuguesas. O objetivo passa por olhar numa perspectiva de baixo para cima para perceber o resultado das ações de sujeitos “não institucionais”.

O interesse pela participação das comunidades na transformação das sociedades (Carpentier, Melo & Ribeiro, 2019) estende-se ao trabalho de Sara Anjos, Pedro Russo e Anabela Carvalho apresentado no capítulo “Comunicar Astronomia: representações do público e implicações para a práxis”. Dedicado ao tema da comunicação de ciência e literacia científica, explora-se a importância da promoção de um diálogo participativo entre a ciência e a sociedade (Bento, Richard-Ferroudji & Faysse, 2016; Coutinho, Araújo & Bettencourt-Dias, 2004).

Tendo como referência a conferência bienal “Communicating Astronomy with the Public”, apresenta-se um estudo exploratório, o qual procurou compreender as percepções desta comunidade científica internacional quanto à literacia científica do seu público. Conclui-se que é necessário criar espaços renovados para a colaboração entre a prática e a investigação em comunicação de ciência, no sentido de promover o diálogo e a participação entre a ciência e a sociedade.

A promoção da participação dos cidadãos na vida pública também se faz através da arte (Barbosa & Ferreira, 2017). “Café cultural/residências artísticas” é um projeto de intervenção sociocultural que se materializa na ocupação artística de áreas urbanas e em ações de comunicação baseadas na arte que visam fomentar o conhecimento artístico na comunidade. José Vicente dos Santos, orientado por Jean-Martin Rabot e Moisés de Lemos Martins, apresenta algumas das ações desenvolvidas no âmbito deste

projeto, o qual se insere num pequeno grupo de residências artísticas que fazem da cidade a sua própria residência. Negando uma posição elitista de diversas instituições que administram residências artísticas em recintos fechados para elites, o projeto, realizado em parceria com a câmara da cidade de Fafe, tem como finalidade democratizar arte e o conhecimento estimulando nas pessoas o interesse pelo processo de criação e, assim, um sentido crítico mais elaborado.

Com o objetivo de reconstituir a trajetória do indie em Portugal, Luiz Alberto Moura, orientado por Jean-Martin Rabot e Moisés de Lemos Martins, pretende traçar “Uma genealogia das gravadoras indie em Portugal (1982-2017)”, visando compreender o papel que essas editoras tiveram na divulgação e na valorização do indie enquanto produto cultural nacional, em articulação com as mudanças sócio, político e económicas ocorridas no país dentro do período proposto.

Sob um prisma diacrónico destaca como o indie no Reino Unido, inicialmente, e depois o americano, foram reconfigurados em Portugal. Luiz Alberto Moura conclui que o indie – enquanto música e gênero musical – foi determinante para a absorção de uma nova vaga de bandas que surgiu após o primeiro *boom* do rock em Portugal e para a confirmação de um novo tipo de música que deu palco a uma geração que não se via representada pelo *mainstream* e que não tinha espaço nas *majors*.

Paulo Henrique Soares de Almeida e Célia Maria Ladeira Mota ocupam-se, no capítulo seguinte, de três cartoons – *charges* – políticos sobre a promulgação da Constituição Federal de 1988, assinados pelo cartoonista Kácio e publicados na editoria de opinião do *Correio Braziliense*, veículo de comunicação fundado em 1960 no Brasil por Assis Chateaubriand e hoje pertencente aos Diários Associados. Destacando o valor informativo e documental das *charges*, os autores abordam-nas como narrativas satíricas gráficas, cujo assunto é o acontecimento jornalístico.

Por via de uma análise crítica da narrativa contada nessas *charges*, destacam como elas dão conta de um processo profundo de mudança histórica, que se inicia com a celebração da Constituição como um símbolo maior de esperança associado à ideia de um Estado democrático de direito e termina com a incerteza quanto à capacidade do Estado ser realmente capaz de cumprir as promessas constitucionais.

Os três capítulos seguintes interrogam as dinâmicas das práticas jornalísticas, sob diferentes pontos de vista.

Tayane Aidar Abib, orientada por Mauro de Souza Ventura, no capítulo “O protagonismo do homem ordinário no jornalismo: reflexões a partir da narrativa de Bru Rovira” propõe que as práticas jornalísticas se alinhem pelo cotidiano e o ordinário da vida das pessoas comuns, em contraposição aos valores de desvio e de proeminência que modelam o olhar jornalístico.

A partir de uma análise interpretativa das reportagens do espanhol Bru Rovira, publicadas no seu livro *Solo pido un poco de belleza*, a estudante discute teoricamente a sua proposta, procurando aproximar os Estudos Culturais dos processos produtivos da notícia. Com base neste exemplo de técnica e valores jornalísticos divergentes, defende um jornalismo imersivo, centrado no cotidiano e da ordem do sensível que não hesita em reconhecer e reportar subjetividades e interferências.

Com o texto “O caso Vaza Jato: uma discussão sobre verdade, política, ética e credibilidade”, Sylvia Debossan Moretzsohn, orientada por Manuel Pinto, parte da discussão dos conceitos de verdade e política, alicerçada no conceito de credibilidade e as complexidades que coloca em ação, para analisar e interrogar o exercício do jornalismo “no tempo das redes”. Fazem-no a partir de um caso: a série de reportagens conhecida como Vaza Jato, publicadas pelo *The Intercept Brasil*. A abordagem passa pela análise dos pressupostos éticos assumidos pela publicação para justificar a publicação dos conteúdos e pela polémica suscitada.

No capítulo intitulado “Comunicação e jornalismo na saúde: uma proposta metodológica para o estudo da televisão pública”, Anna Elisa Pedreira e Felisbela Lopes apresentam uma proposta metodológica para o estudo da cobertura jornalística da saúde pelo operador de serviço público em Portugal, a RTP (Rádio e Televisão de Portugal). Partindo do entendimento de que a promoção da saúde feita pelos *media* é um fator essencial na capacitação dos indivíduos para a tomada de decisões (sobre a sua saúde) e de que o serviço público de televisão (STP) tem aqui um papel de grande relevo, as autoras discutem uma proposta de modelo de análise para analisar a produção jornalística.

Sob o pano de fundo das novas dinâmicas comunicativas associadas ao desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, Sílvia Fernandes, orientada por Daniel Brandão e Nelson Zagalo, no capítulo “Interação periférica: uma nova forma de comunicar com a tecnologia”, pretende dar um contributo teórico para o desenvolvimento de novas formas de interação que melhorem a comunicação entre o ser humano e

a tecnologia. Nesse sentido, aponta lacunas e propõe soluções, a partir do que considera essencial naquele tipo de interação no sentido de a tornar menos evasiva e menos exigente em termos cognitivos.

No capítulo “A morte na pós-modernidade: um fenómeno real na era digital”, Welberg Menezes Rodrigues, orientado por Jean-Martin Rabot e Clara Maria Faria Simões Mendes, situa o seu trabalho no âmbito dos *media* sociais e das suas possibilidades comunicativas, explorando a forma como estes representam modos de socialização pelos quais os indivíduos procuram lidar com o tema da morte.

Como destacam os autores, a morte é um fenómeno social, alvo de representações, de vivências e de práticas circunstanciadas, pelo que a maneira de viver e conceber a morte é socialmente instituída. Neste contexto, o recurso às redes sociais representa, para muitos, uma forma de lidar com a morte e esse é o tema que procuram debater.

Olhando para as novas potencialidades oferecidas pelo desenvolvimento tecnológico ao nível da interatividade e das formas de apropriação dos *media* por parte dos deficientes visuais, Valdeci Ribeiro da Gama, Jean-Martin Rabot e Moisés de Lemos Martins procuram no capítulo intitulado “O impacto dos *media* na vida da pessoa com deficiência visual” responder à questão: de que forma é que o uso quotidiano dos *media* tem impacto na pessoa com deficiência visual? Nesse percurso, interrogam aquilo que consideram ser “a transformação do paradigma sociocultural na história da pessoa com deficiência visual” (p. 265).

Os três últimos capítulos desta obra têm como ponto de interesse a comunicação organizacional em mutação (Guedes, Silva & Santos, 2014).

No capítulo “Transformações da comunicação organizacional no contexto digital: novas práticas e desafios nas mídias sociais” Kamila Mesquita, orientada por Teresa Ruão e José Gabriel Andrade, analisa as transformações comunicativas no contexto digital, discutindo os desafios que os *media* sociais trazem para o contexto organizacional.

O foco desta investigação são as principais transformações que as organizações têm enfrentando por via desta instalação alargada dos novos meios, nomeadamente: a perda de controlo na disseminação das informações sobre organização, pela crescente participação dos públicos na produção e divulgação conteúdos; e a necessidade de comunicar num ambiente carregado de estímulos, em resultado da proatividade tendencial das marcas. No contexto destes desafios, os autores procuram compreender e discutir as práticas de comunicação e relacionamento que têm sido utilizadas pelas empresas e instituições da atualidade.

No quadro destas novas tendências de comunicação, o estudo da marca-universidade em Portugal, a partir dos dados de registo de propriedade industrial, como elementos estratégicos com reflexos na imagem e no tipo de relacionamento que estas instituições estabelecem com os públicos, é o tema estudado por Elaine Saraiva e Teresa Ruão no capítulo “A proteção das marcas e o processo de comunicação: o caso das universidades portuguesas”.

Este trabalho tem como objetivo apresentar as possibilidades de levantamento dos dados sobre registo de marcas das universidades portuguesas através da ferramenta TMview. De acordo com esta investigação, as informações contidas nos documentos para pedidos de registo, permitem verificar tendências na construção de marca, na identificação de estratégias organizacionais e na avaliação da qualidade das marcas depositadas.

Partindo da ideia clássica de que as organizações são sistemas vivos, compostos por grupos de indivíduos que, através de práticas simbólicas, se movem em direção ao mesmo objetivo, Cristiane Venancio de Oliveira Martins, orientada por Teresa Ruão e Ana Duarte Melo, no capítulo “Política de comunicação: veneno ou remédio? Um olhar sob a perspetiva da comunicação organizacional” procura refletir sobre a importância de definir políticas de comunicação nas organizações, no contexto dos estudos de Comunicação Organizacional. Como instrumento estratégico que pode apoiar a gestão de topo na produção de sentido numa empresa ou numa instituição, estas políticas parecem constituir a formalização ou a sistematização de uma filosofia de gestão comunicação, que pode até já estar instalada. Assim, através de uma discussão que coloca em evidência as práticas de significação organizacional numa universidade brasileira, a estudante procura responder às seguintes questões: qual o sentido social de uma política de comunicação no contexto de uma organização? Até que ponto é positiva? Pode ser, de alguma forma, negativa?

Esta obra faz parte de uma iniciativa que já conta com sete anos de edição e aguarda futuras obras para dar a conhecer desenvolvimentos nas propostas anunciadas e novos planos de investigação. Enquanto editoras, esperamos que esta realidade continue a ser construída pela comunidade em crescimento de estudantes e académicos em Ciências da Comunicação e Estudos Culturais.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020.

## REFERÊNCIAS

- Barbosa, I. & Ferreira, F. (2017). Monstros, máquinas e pipocas: teatro do oprimido e protesto de rua. *Comunicação e Sociedade*, 31, 81-105. [https://doi.org/10.17231/comsoc.31\(2017\).260](https://doi.org/10.17231/comsoc.31(2017).260)
- Bento, S., Varanda, M., Richard-Ferroudji, A. & Faysse, N. (2016). Será a investigação sobre alterações climáticas verdadeiramente colaborativa?. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 3(2), 195-215. <https://doi.org/10.21814/rlec.125>
- Carpentier, N., Melo, A. & Ribeiro, F. (2019). Resgatar a participação: para uma crítica sobre o lado oculto do conceito. *Comunicação e Sociedade*, 36, 17-35. [https://doi.org/10.17231/comsoc.36\(2019\).2341](https://doi.org/10.17231/comsoc.36(2019).2341)
- Coutinho, A. G., Araújo, S. J. & Bettencourt-Dias, M. (2012). Comunicar ciência em Portugal: uma avaliação das perspectivas para o estabelecimento de formas de diálogo entre cientistas e o público. *Comunicação e Sociedade*, 6, 113-134. [https://doi.org/10.17231/comsoc.6\(2004\).1231](https://doi.org/10.17231/comsoc.6(2004).1231)
- Guedes, Éllida N., Silva, M. da & Santos, P. C. dos. (2014). Esforços comunicacionais para a construção de relacionamentos na contemporaneidade: mediações e tecnologia. *Comunicação e Sociedade*, 26, 223-233. [https://doi.org/10.17231/comsoc.26\(2014\).2035](https://doi.org/10.17231/comsoc.26(2014).2035)
- Martins, M. de L. (2019). A “crise dos refugiados” na Europa – entre totalidade e infinito. *Comunicação e Sociedade*, 21-36. [https://doi.org/10.17231/comsoc.o\(2019\).3058](https://doi.org/10.17231/comsoc.o(2019).3058)

### Citação:

Pinto-Coelho, Z., Ruão, T. & Marinho, S. (2020). Dinâmicas comunicativas e transformações sociais: introdução. In Z. Pinto-Coelho; T. Ruão & S. Marinho (Eds.), *Dinâmicas comunicativas e transformações sociais. Atas das VII Jornadas Doutorais em Comunicação & Estudos Culturais* (pp. 5-12). Braga: CECS.